



SEÇÃO DOSSIÊ: A FORMAÇÃO DE PROFESSORES E A EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Acolhimento e vínculo: diálogo entre Psicopedagogia e Educação Popular na perspectiva da educação inclusiva

Attachment and bonding: dialogue between Psychopedagogy and Popular Education in the perspective of inclusive education

Denise da Silva Maia¹
orcid.org/0000-0002-9785-134
denisedsmaia@gmail.com

Victoria Cittolin Richetti²
orcid.org/0000-0001-8942-8318
vic.richetti@gmail.com

Recebido em: 12 fev. 2022.
Aprovado em: 18 jun. 2022.
Publicado em: xx xxx xxxx.

Resumo: O artigo tem como objetivo refletir acerca de possíveis aproximações entre a Psicopedagogia e a Educação Popular, a partir da perspectiva da educação inclusiva, tendo como ponto de articulação a discussão sobre a influência do acolhimento e do vínculo no processo de aprendizagem. O estudo, amparado em autores como Alicia Fernández, Paulo Freire, Pichon-Rivière e Alicia Fernández, foi realizado em instituição popular, a ONGEP. Foram entrevistados alunos e professores, sendo os dados submetidos à análise de conteúdo (BARDIN, 2011). São discutidas as aproximações possíveis entre a Educação Popular e a Psicopedagogia, a partir dos conceitos de vínculo e acolhimento, que emergiram nas entrevistas como elementos essenciais a um contexto facilitador de aprendizagens e que promova o fortalecimento das identidades. Dessa forma, entende-se que esses constructos são basilares para uma educação crítica e inclusiva, que afirma o valor da diversidade. Para finalizar, aborda-se a necessidade de haver mais diálogo entre a Psicopedagogia e a Educação Popular, na medida em que há uma escassa bibliografia relacionando-as, e defende-se a ideia de que as diferentes práticas e articulações teóricas de cada campo podem ser enriquecidas e ampliadas pelo debate.

Palavras-chave: Acolhimento. Vínculo. Psicopedagogia. Educação Popular. Educação inclusiva.

Abstract: The article aims to reflect on possible approximations between Psychopedagogy and Popular Education, from the perspective of Inclusive Education, having as a point of articulation the discussion about the influence of sheltering and bonding in the learning process. The study, based on authors such as Alicia Fernández, Paulo Freire, Pichon-Rivière and Alicia Fernández, was conducted in a popular institution, ONGEP. Students and teachers were interviewed, and the data were submitted to content analysis (BARDIN, 2011). We discuss the possible approximations between Popular Education and Psychopedagogy, based on the concepts of bonding and sheltering, which emerged in the interviews as essential elements to a context that facilitates learning and that promotes the strengthening of identities. Thus, it is understood that these constructs are fundamental for a critical and inclusive education that states the value of diversity. Finally, it addresses the need for more dialogue between Psychopedagogy and Popular Education, to the extent that there is a scarce bibliography relating them and defends the idea that the different practices and theoretical articulations of each field can be enriched and expanded by the debate.

Keywords: Sheltering. Bonding. Psychopedagogy. Popular Education. Inclusive education.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Porto Alegre, RS, Brasil.

² Secretaria da Educação (SEDUC-RS), Sistema Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil; Organização Não Governamental para a Educação Popular (ONGEP), Porto Alegre, RS, Brasil.

Introdução

Ninguém escapa da educação; nenhum indivíduo é capaz de viver sem construir-se, sem aprofundar-se no *ser mais*. Nutrem-se dessa perspectiva, do constante reelaborar-se, tanto a Psicopedagogia, quanto a Educação Popular, campos da prática profissional das autoras. Ambas se descolam de bases rasas sobre aprendizagem e percebem os aprendentes³ como agentes ativos do aprendizado, que trazem consigo suas vivências individuais e coletivas (FREIRE, 1996; FERNÁNDEZ, 1991; PAÍN, 2008). Este trabalho argumenta que essas duas áreas do conhecimento se aproximam, ao colocar o vínculo como parte indispensável do aprender. Assim, há o intuito de mostrar as similaridades entre o pensar e o agir psicopedagógicos e os pressupostos e práticas da Educação Popular, bem como defender a ideia de que o diálogo entre esses campos pode enriquecer a ambos.

Buscar essas convergências se mostra relevante na medida em que não há muita literatura disponível que relacione diretamente a Psicopedagogia à Educação Popular. Segundo Cazella e Molina (2010, p. 81), a "interlocução entre psicopedagogia institucional e educação popular se fundamentaria na dimensão social envolvida no processo de aprendizagem". É, portanto, não desprender o educar/aprender da dimensão social, compreender o aprendente como um sujeito histórico, o qual tem em si questões permeadas pela classe, raça, gênero (FREIRE, 1987, 1996; PAÍN, 2008). O educar freiriano, base formadora de educadores populares, assemelha-se muito à Psicopedagogia Institucional, à compreensão de fundo psicanalítico que se atribui aos problemas de aprendizagem (FERNÁNDEZ, 1991; PAÍN, 2008). Dessa maneira, compreende-se que "as ideias de Freire fazem eco ao olhar da psicopedagogia institucional, uma vez que esta promoveria a aprendizagem de forma a criar vínculos saudá-

veis e críticos com o conhecimento" (CAZELLA; MOLINA, 2010, p. 81).

Também é possível argumentar que tanto a Psicopedagogia quanto a Educação Popular compartilham uma perspectiva inclusiva, na medida em que ambas buscam resgatar as possibilidades de aprendizagem dos sujeitos, e entendem o ambiente educativo como espaço livre para a expressão de subjetividades. Oportunizam, assim, o acesso e a permanência na escola, já que ambas operam no sentido de assegurar a educação para todos.

Para ilustrar esse ponto de vista, será apresentada parte de um estudo realizado por uma das autoras em um espaço de Educação Popular da cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, a Organização Não Governamental para a Educação Popular (ONGEP).⁴

1 Psicopedagogia e Educação Popular: vínculo e acolhimento

A Psicopedagogia é um campo de conhecimento e ação interdisciplinar em Educação e Saúde com diferentes sujeitos e sistemas, quer sejam pessoas, grupos, instituições e comunidades. Ocupa-se do processo de aprendizagem considerando os sujeitos e sistemas, a família, a escola, a sociedade e o contexto social, histórico e cultural. Utiliza instrumentos e procedimentos próprios, fundamentados em referenciais distintos, que convergem para o entendimento dos sujeitos e sistemas que aprendem e sua forma de aprender. [...] A atividade psicopedagógica tem como objetivos: - propor ações frente aos processos de aprendizagem e suas dificuldades; - contribuir para os processos de inclusão escolar e social [...]. (ABPP, 2019, p. 1).

Com origem interdisciplinar, a Psicopedagogia tem como foco a aprendizagem e os sujeitos que aprendem. Busca aprofundar o entendimento sobre os processos de aprendizagem, de forma a garantir que ela aconteça para todos, na medida em que compreende que todo ser humano apresenta condições e limites para aprender (BOS-

³ Refere-se à pessoa que está no processo de aprender, conceito criado por Alicia Fernández (1991). Ao longo do texto, também aparecerá o termo "ensinante", que se refere à pessoa que está no processo de ensinar. São dois posicionamentos singulares frente ao conhecimento, não são meros sinônimos de aluno e professor; os sujeitos ensinante/aprendente coexistem simultaneamente dentro de nós.

⁴ Segundo Pereira (2007, p. 66): "O Pré-Vestibular Popular (PVP), com início em agosto de 2000, é o projeto que fomentou a criação da Organização Não-Governamental para a Educação Popular (ONGEP), em 2002, sendo criado por meio de uma proposta pensada por estudantes das mais diversas licenciaturas na disciplina *Estrutura e Funcionamento da Educação*, ministrada pelo Professor Carlos Machado, na Faculdade de Educação da UFRGS." A instituição concedeu autorização para utilização de seu nome.

SA, 2011). Destaca-se a importância do vínculo (FERNÁNDEZ, 1991; PAÍN, 2008; WEISS, 2015), considerado elemento essencial à aprendizagem.

O conceito de vínculo é fundamentado na teoria de Pichon-Rivière. Segundo o autor (PICHON-RIVIÈRE, 2007, p. 113-114), "o conceito de vínculo é operacional, configura uma estrutura de relação interpessoal que inclui, como já dissemos, um sujeito ante o objeto e a relação do objeto ante o sujeito, cumprindo os dois uma determinada função". Entende-se, portanto, o vínculo como uma interação dialética que ocorre entre o sujeito e o(s) objeto(s) interno(s) e externo(s). Essa interação ocorre de maneira dinâmica e contínua; assim, quando o sujeito é analisado, deve ser considerado o contexto sócio-histórico. O vínculo engloba, assim, tanto o sujeito quanto o objeto; nessa análise existem características normais e patologias. As relações não são idênticas, cada sujeito interage de forma particular com cada objeto, dependendo do contexto. O vínculo será diferente conforme as relações forem alteradas, seus sujeitos e seus objetos.

Esse constructo é tão importante na prática clínica da Psicopedagogia, em geral realizada em consultórios privados e com foco individual, quanto no campo da Psicopedagogia Institucional. Esta tem como foco a instituição em que ocorrem os processos de aprendizagem, e que, na maioria das vezes, é a escola. Ao fazê-lo, toma em consideração a complexa rede de relação entre alunos, professores, especialistas e famílias. Busca contribuir para a criação e manutenção de condições favoráveis à aprendizagem de todos, considerando toda a diversidade existente na comunidade escolar. Desta forma, colabora para prevenir a ocorrência de problemas de aprendizagem, bem como trabalha com aquelas dificuldades que não necessitem de intervenção clínica. Nas palavras de Bossa (2011, p. 89),

Pensar a escola, à luz da Psicopedagogia, significa analisar um processo que inclui questões metodológicas, relacionais e socioculturais, englobando o ponto de vista de quem ensina e de quem aprende, abrangendo ainda a participação da família e da sociedade para buscar a melhoria das relações com a aprendizagem

e a melhor qualidade na construção da própria aprendizagem de alunos e professores.

Assim, entende-se que cabe à Psicopedagogia, em especial a Institucional, um importante papel social, na medida em que é sua tarefa estar atenta às questões sociais e educacionais do país, bem como analisá-las criticamente, de forma a identificar em que medida favorecem ou obstaculizam tanto o acesso à escola quanto as condições para aprender (PORTO, 2006). Incumbe-lhe, portanto, um compromisso político e ético com toda a população, mas especialmente com aqueles segmentos cujo direito à educação está constantemente ameaçado.

Esse compromisso é compartilhado com a Educação Popular, pois, segundo Gadotti (2012, p. 15), "toda a educação é, ou deve ser, social, já que quando falamos de educação não podemos prescindir da sociedade, da comunidade e do contexto familiar, social e político onde vivemos. Ela pode ser tanto escolar como não-escolar." A Educação Popular é aqui tomada como práxis social, e entendida como

aquela que não está institucionalizada, ocorre dentro e com os grupos populares; é determinada pela realidade e sua perspectiva é histórica. Desenvolve-se na sociedade para se contrapor ao projeto educacional dominante. Por isso, é adotada em diferentes contextos, principalmente pelos movimentos sociais do campo e da cidade (PINI, 2012).

Faz parte, portanto, do campo democrático, sendo cívica, cidadã, comunitária, buscando integrar o indivíduo à sociedade, porém de uma forma transformadora (GADOTTI, 2012). A Educação Popular leva em conta as diferentes expressões da vida humana, sejam elas artísticas ou culturais, ligadas ao desenvolvimento local e à economia solidária, à sustentabilidade socioambiental, à afirmação das identidades dos diferentes sujeitos e de seus coletivos, à inclusão digital e o combate a qualquer tipo de preconceito (GADOTTI, 2016)

Paulo Freire (1996, 2011, 2014, 2020a, 2020b), assim como Sara Paín (2008) e Alicia Fernández (1991), falam da importância do vínculo, do afeto no processo do aprender, de como um ambiente

plural e acolhedor pode contribuir na busca de espaços inclusivos, nos quais qualquer indivíduo possa se aproximar do conhecimento e aprender. Tanto a Psicopedagogia, seja Institucional ou Clínica, quanto a Educação Popular compartilham esse pressuposto. Portanto, compreende-se que:

As relações estabelecidas pareceram favorecer o desenvolvimento, não somente do ponto de vista socioemocional como também do ponto de vista cognitivo, tendo em vista que a constituição de vínculos sociais e afetivos é de suma importância para os processos de aprendizagem (CONZATTI; DAVOGLIO, 2018, p. 123).

A pedagogia crítica que Paulo Freire sustenta é também pautada em afeto, compreensão e acolhimento sem, no entanto, perder a qualidade do ensino, a seriedade do trabalho: "o rigor científico vem de um esforço para superar uma visão ingênua do mundo. A ciência sobrepõe o pensamento crítico àquilo que observamos na realidade, a partir do senso comum" (FREIRE; SHOR, 1986, p. 131). Compreende-se, pois, que um espaço que carrega em si as bases teóricas de Educação Popular deve, sem dúvida, praticar uma pedagogia de afetividade, amorosidade, sem deixar que se torne um espaço meramente assistencialista, acrítico. Na construção de uma instituição popular, deve haver espaço para a coexistência da competência científica e do afeto. Dessa forma:

A competência técnico científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho, não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações educativas. Essa postura ajuda a construir o ambiente favorável à produção do conhecimento onde o medo do professor e o mito que se cria em torno da sua pessoa vão sendo desvelados. É preciso aprender a ser coerente (FREIRE, 1996, p. 10).

Freire (1996, 2011), Fernández (1991) e Pain (2008) sustentam que, para que o processo de aprendizagem tenha êxito, é fundamental a retomada da autonomia e da confiança, as quais são indispensáveis para que a inclusão socioeducacional seja qualificada e significativa, e não meramente assistencialista. A Educação Popular, especialmente, empenha-se em valorizar a

trajetória pessoal do indivíduo, sua cultura, sua leitura de mundo (FREIRE, 1996, 2011, 2020a, 2020b). Objetiva que os sujeitos, em suas trajetórias, lutem pela construção de novos espaços coletivos que tenham uma base ideológica que preze a inclusão, o acolhimento, o afeto e o pensamento crítico. Busca uma prática que contribua para o *ser mais* dos alunos, sem reprimi-los, pois é suficiente que

[...] homens estejam sendo proibidos de ser mais para que a situação objetiva em que tal proibição se verifica seja, em si mesma, uma violência. Violência real, não importa que, muitas vezes, adocicada pela falsa generosidade a que nos referimos, porque fere a ontológica e histórica vocação dos homens – a do *ser mais* (FREIRE, 2014, p. 58, grifo do autor).

O trabalho em Educação Popular é, portanto, pensado também para o acolhimento, para a criação de laços afetivos, junto à construção da aprendizagem crítica. Vínculo e acolhimento são, portanto, essenciais, na Psicopedagogia e na Educação Popular.

Ambos os constructos se entrelaçam. Para Pichon-Rivière (2007), as características do vínculo variam de sujeito para sujeito: cada vinculação tem suas particularidades e pode ocorrer a partir de um sujeito com outro, outros e, inclusive, coisas (objetos animados e inanimados). Contudo, todo vínculo é compreendido como um vínculo social, seja com uma ou várias pessoas. Em um espaço coletivo,

cada integrante do grupo comparece com sua história pessoal consciente e inconsciente, isto é, com sua *verticalidade*. Na medida em que se constituem em grupo passam a compartilhar necessidades em função de objetivos comuns e criam uma nova história, a *horizontalidade* do grupo, que não é simplesmente a somatória de suas verticalidades pois há uma construção coletiva resultante da interação de aspectos de sua verticalidade, gerando uma história própria, inovadora que dá ao grupo sua especificidade e identidade grupal (ABDUCH, 1999 apud BASTOS, 2010, 166, grifo do autor).

Preocupar-se, portanto, com o acolhimento é perceber que não basta criar boas relações entre os indivíduos. Mostra-se necessário preparar os professores para acolher e para estabelecer

vínculos, seja na instituição escolar, seja nos espaços informais. É preciso também criar um terreno seguro para a prática educacional, ter espaço para afeto e amorosidade, sem perder os componentes da criticidade e da seriedade do ato de educar. Assim, tanto a formação dos professores quanto as condições com as quais contam para desempenhar as suas funções devem ser reconhecidas como cruciais (GUILHERME; CHERON, 2020). Não há como exercer plenamente um papel de tamanha relevância sem dispor de ferramentas teóricas e metodológicas adequadas e de um ambiente propício, que ofereça suporte e encorajamento para enfrentar os desafios. "É imperativo o oferecimento de condições para que a diversidade seja considerada característica humana essencial, sem tomá-la como justificativa para hierarquizar ou excluir" (MAIA, 2020, p. 47). Ora, os educadores poderão acolher e estabelecer vínculos de forma mais respeitosa e promotora de crescimento se também eles se sentirem acolhidos e vinculados.

Reafirmamos que essa nova qualidade não será medida apenas pelos palmos de conhecimento socializado, mas pela solidariedade humana que tiver construído e pela consciência social e democrática que tiver formado, pelo repúdio que tiver manifestado aos preconceitos de toda ordem e às práticas discriminatórias correspondentes (FREIRE, 2020b, p. 67).

2 A dimensão inclusiva da Educação Popular e da Psicopedagogia

Uma vez esboçadas algumas convergências entre Psicopedagogia e Educação Popular, em especial pelo assinalamento da importância dos conceitos de vínculo e acolhimento para os dois campos, cumpre destacar a dimensão inclusiva presente em ambos.

A diversidade é constitutiva da condição humana; logo, é função irrenunciável da educação atender à pluralidade. Pensar em educação inclusiva significa pensar em uma educação para todos, capaz de abarcar a diversidade humana presente em cada sala de aula e oportunizar condições de aprendizagem e desenvolvimento para cada um dos alunos, sejam quais forem as suas condições orgânicas ou psíquicas [...] (MAIA, 2020, p. 45).

Nessa perspectiva, busca-se afirmar e valorizar as diferenças, assegurando o acesso à educação a todos os membros de uma sociedade, independentemente de gênero, raça, condição social, existência ou não de deficiências. Dias (2006) considera que a educação em si, em qualquer modalidade, deveria ser inclusiva, posto que se baseia no projeto democrático de alcançar a todos. Segundo o autor, foi a escola que se converteu, ao longo do processo histórico, em um espaço de exclusão social, alijando aquelas crianças que não se adequavam a certos padrões. Caberia, portanto, à escola assumir a meta de tornar-se inclusiva, reintegrando os segregados e excluídos (DIAS, 2006).

Para reconhecer o valor da diversidade e criar contextos em que todos possam aprender, é fundamental que os valores democráticos, o respeito, a empatia e a convivialidade sejam amplamente reconhecidos e constantemente reforçados, aspectos estreitamente relacionados com os constructos de vínculo e acolhimento. Ao terem como meta garantir e criar condições que assegurem (ou resgatem) a aprendizagem de todos, valorizar as diferenças e recusar qualquer forma de exclusão, promover o desenvolvimento da autonomia e o fortalecimento da identidade, tanto a Psicopedagogia quanto a Educação Popular apresentam uma dimensão inclusiva. Esse aspecto precisa ser não apenas evidenciado, mas aprofundado e desenvolvido. Isso só será possível estabelecendo o diálogo entre aqueles que trabalham e estudam sobre tais campos, de forma que as diferentes práticas e articulações teóricas possam fecundar-se mutuamente, rompendo as fronteiras estanques que tendem a se estabelecer entre as diferentes modalidades da Educação.

3 ONGEP: tessituras de um espaço popular

O objetivo básico desta organização é oferecer a jovens e adultos de baixa renda aulas preparatórias para o Enem e/ou vestibulares, contribuindo, dessa forma, para o seu ingresso na universidade. As aulas ocorrem de segunda a sexta-feira nos

turnos da manhã e noite; já no período da tarde, o espaço fica disponível para que os estudantes estudem, almoçem, descansem, participem das monitorias e oficinas diversas. Nos sábados, há a possibilidade de realizar aulas extras, oficinas, reuniões, cursos de formação para professoras e professores. É importante destacar quais são os sujeitos ongepianos:

A maioria dos estudantes da ONGEP fez ensino regular e é egresso de escola pública; a maioria dos nossos estudantes se autodeclara negro ou pardo; a maioria dos nossos estudantes tem renda familiar *per capita* de 1,5 salário-mínimo; a maioria dos nossos estudantes é composta por mulheres. Esses dados são fundamentais para entendermos quem está estudando e em quais condições, e para termos certeza de que estamos lidando com minorias nesse lugar de Educação Popular (EVERS, 2018, p. 43, grifo do autor).

Além dos estudantes, há os voluntários. Todas as pessoas que colaboram na ONGEP (coordenação, secretaria, jurídico, núcleo psicológico, núcleo docente) são voluntárias e podem auxiliar nos processos seletivos e em qualquer outro evento realizado.

A ONGEP, como coletivo, procura uma reflexão crítica constante sobre a sua estrutura organizativa; logo, pensar sobre acolhimento de todos que fazem parte do coletivo é parte do fazer ongepiano. Posto isso, diversos momentos extraclasse são oportunizados para que os novos membros do coletivo sejam acolhidos pela comunidade ongepiana e possam, portanto, recriar suas relações com o aprender. Um dos primeiros passos é a realização de uma entrevista com algum voluntário. A entrevista é o meio encontrado pela instituição para conhecer os futuros alunos e, também, caso haja mais candidatos do que vagas, a forma de identificar quais são os indivíduos que poderão se beneficiar mais com o trabalho realizado na ONGEP.

Nesse momento, além de conhecer o candidato, é possibilitado ao indivíduo que visite o espaço físico, além de ter contato com alguns voluntários presentes e, assim, já possa imaginar-se fazendo parte do coletivo. A entrevista é uma etapa muito significativa do processo seletivo já

que proporciona ao voluntário conhecer de forma mais profunda as questões pessoais que existem além dos dados socioeconômicos solicitados na inscrição *online*. Existe ainda a assembleia, que ocorre um sábado ao mês, ocasião na qual todos que fazem parte do coletivo têm a possibilidade de conversar sobre aspectos relativos à ONGEP, desde situações organizativas, financeiras, até assuntos mais complexos relacionados às dinâmicas interpessoais. Há também eventos organizados coletivamente, como brechós, festa junina, sarau, visita a museus. Além disso, duas vezes ao ano ocorre a "confra", um dia de confraternização de toda comunidade ongepiana, inclusive com pessoas que não integram o coletivo, como familiares, ex-alunos e ex-professores.

O acolhimento é compreendido como algo crucial nessa instituição, tanto que, desde 2019, existe um núcleo de saúde mental, composto, principalmente, por psicólogas (algumas formadas, outras ainda em formação). Há, inclusive, o intuito de complementar o núcleo de saúde mental com profissionais da Pedagogia, Psicopedagogia e Serviço Social, para que possa servir como apoio mais amplo aos ongepianos (incluindo assistência psicológica e pedagógica às professoras e professores).

O estudo, realizado por uma das autoras, envolveu oito pessoas: três professores, quatro alunos e um professor que é também ex-aluno da ONGEP. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas, que ocorreram em horário previamente agendado e de forma individual e *online*. As entrevistas foram gravadas – com autorização dos participantes, que também assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido para participar do estudo – e transcritas para análise posterior. A amostra foi definida de forma intencional, levando em conta o engajamento das pessoas com a proposta da ONGEP, enquanto um espaço de Educação Popular. Foram escolhidos sujeitos cuja participação no coletivo fosse ativa, sem estar limitada à sala de aula, ou seja, presentes em atividades extraclasse, as quais têm importância significativa na pedagogia ongepiana. Com o processo de transcrição finalizado, foi utilizado o

método análise de conteúdo de Bardin (2011). As falas dos participantes serão apresentadas com nomes fictícios, para preservar suas identidades e privacidade, e em linguagem coloquial.

O roteiro para orientar o diálogo foi composto de perguntas básicas como nome, idade, profissão, além da relação com a ONGEP e em qual ano foi/é voluntária(o) ou aluna(o). A partir disso, criaram-se dois tipos de entrevistas, uma específica para professores e outra para os ex-alunos. De modo geral, as entrevistas continham os mesmos assuntos, variando de acordo com a função do entrevistado dentro do coletivo; o ex-aluno que atualmente é professor, por exemplo, respondeu aos dois modelos de entrevista. Os principais temas abordados foram: relação/história com a ONGEP e sua comunidade; aprendizagem; relação entre aluno e professor; acolhimento; vínculo com o espaço, com a instituição ou com outros on gepianos; e processos de aprendizagem.

O foco manteve-se, principalmente, no acolhimento e no vínculo e quais eram suas influências sobre o processo de aprendizagem, bem como para consolidar e estimular a autoconfiança do aluno e contribuir para que permaneça estudando, apesar das questões sociais envolvidas. Os alunos que a ONGEP recebe têm como característica alguma vulnerabilidade social: fazem parte de algum grupo de minorias de direito, geralmente provenientes de famílias de baixa renda e de escolas públicas. São histórias que envolvem baixa autoestima, precariedade no ensino da Educação Básica, falta de estímulo para acreditar em projetos de vida.

Quantas energias sufocadas ou desperdiçadas inutilmente e que poderiam ser deixadas em liberdade, com um sistema escolar que confirmasse em vez de infirmar o livre acesso às iniciativas e às curiosidades inteligentes dos futuros cidadãos, que os formasse para um domínio para eles mesmos, em cada instante carregado de sentido, das suas capacidades, a uma ordenação por e para eles mesmos de conhecimentos e técnicas adquiridos por desejo e não por obrigação ou por submissão perversa ao medo das sanções e a imperativos pessoais (DOLTO, 2004, p. 27).

3.1 Do acolhimento ao vínculo: sustentação da aprendizagem crítica

A ONGEP, como um coletivo de Educação Popular, deve dar atenção às particularidades dos sujeitos que a compõem. É preciso lembrar, como afirma Joana (professora da ONGEP), "a gente tem que ter um tempo, o tempo da aula ou além da aula, para que a gente possa olhar pras pessoas como seres humanos e não como só como alunos sentados aí, esperando as respostas certas, né? E aí a gente consegue construir, né?". Para que o processo de aprendizagem de fato ocorra, isto é, haja assimilação e acomodação pelo sujeito (PIAGET, 1975), é fundamental preocupar-se com o todo do indivíduo, olhá-lo como um ser complexo, dando espaço para a compreensão de sua trajetória.

O acolhimento é indispensável para que essas pessoas consigam, pouco a pouco, se afastar de seus estigmas sociais e sejam receptivos à aprendizagem crítica proposta pela Educação Popular. Neste trecho de entrevista, podemos compreender a importância do acolhimento para que o aluno se sinta à vontade para participar do espaço:

Os professores sempre enfatizavam que a relação que a gente tinha lá era bem horizontal, que a gente podia questionar o que eles faziam, que a gente podia conversar... dar os feedbacks e tal. [...] Eles [os professores] conversavam naturalmente, como se fossem nossos colegas, era bom... foi bem bom isso. [...] Ali sempre foi uma troca muito boa, assim, sempre querendo a participação dos alunos, né, na sala de aula, e enfatizando que é muito importante isso. Acho que isso foi primordial pra mim entender o que é educação popular e também no meu aprendizado pra mim me sentir mais à vontade em conversar sobre minhas dúvidas e dificuldades (Carol, ex-aluna, informação verbal, grifo nosso.).

Assim, "se os sistemas estabilizados precisam educar para conservar-se, os revolucionários necessitam educar, com mais razão ainda, a fim de conscientizar e motivar a militância" (PAÍN, 2008, p. 18). A partir do pensamento freiriano, compreende-se que

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coleti-

vamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feita, que leve em conta as suas necessidades e o torne *instrumento de luta*, possibilitando-lhe transformar-se em sujeito de sua própria história. A participação popular na criação da cultura e da educação rompe com a tradição de que só a elite é competente e sabe quais são as necessidades e os interesses de toda a sociedade (FREIRE, 1991, p. 64-65, grifo do autor).

Procura-se criar condições para que o vínculo se estabeleça através de pequenas etapas: nos processos de acolhimento, como a entrevista; na liberdade para comunicação com os professores; na proximidade de diálogo entre o aluno e a coordenação; nas dinâmicas de grupo realizadas na primeira semana de aula para todos se conhecerem. O aluno tem liberdade para vincular-se – ou não – à ONGEP. Como afirma Fernández (1991), faz-se necessária a compreensão de que no processo de aprendizagem não existe apenas o aprendente, mas também o ensinante. Logo, deve-se questionar quais são os porquês das dificuldades encontradas sem centrar-se apenas no aprendente, visto que é por meio do processo vincular que a aprendizagem se constrói. Parafraseando Gadotti (2000, p. 8), temos a figura do educador como um mediador, enquanto o aluno é, na realidade, responsável por sua formação. Na fala de Renato (professor da ONGEP, informação verbal), explicitam-se as responsabilidades das partes envolvidas no aprender:

Então, tu cria um vínculo com essas pessoas, tu cria uma relação de igualdade, tu cria uma relação de confiança, tu cria uma relação de respeito, né? Porque nessa relação de respeito, quando o respeito é mútuo, a pessoa se sente ouvida, o aluno se sente ouvido e tu se sente ouvido.

Conforme já referido, acolhimento e vínculo estão intimamente interligados, praticamente coexistem. No comentário do professor e ex-aluno, vemos a comunhão dessas duas categorias:

Vínculo e acolhimento são complementares como um todo. A relação do vínculo com o espaço e acolhimento. Vamos começar, na real, com vínculo, né. Me fez ter mais vontade de estudar e me fez ser mais aluno, a partir do momento de outubro de 2015, que eu comecei a me sentir mais parte da ONGEP. E eu vejo que

quanto mais [o aluno] tem esse vínculo mais profundo [...] mais vai fazer questão de participar da aula, isso é algo que, inclusive, aconteceu. Quando eu me senti mais parte do espaço eu quis participar mais das aulas, então, eu fazia mais perguntas, [...] eu me soltei muito mais depois que criei esse vínculo (Diogo, professor e ex-aluno da ONGEP, informação verbal).

Por meio dos depoimentos, observa-se a compreensão de que, para o aprendente tecer laços profundos com a instituição, com colegas ou com professores, é necessário que exista antes um acolhimento. Esses processos podem, inclusive, contribuir para que o estudante permaneça estudando apesar das adversidades da vida, como vemos neste relato:

Ah, sim, foi a grande diferença [o acolhimento] assim, sabe, desde a primeira entrevista, que eu já me senti bem acolhida pelo grupo e até hoje. Foi muito importante esse vínculo com todo mundo... com os professores, com os coordenadores, voluntários que atendiam ali, abriam a porta, então, *foi muito importante pra eu continuar, porque teve momentos que eu ia desistir, enfim, por causa da minha vida, que já tava bem balançada e eu tive muita força de todo mundo, todo mundo sem exceção, assim* (Marina, ex-aluna, informação verbal, grifo nosso).

Além disso, acolher e vincular-se são etapas fundamentais para ocorrer o resgate da aprendizagem e, inclusive, para que a educação seja emancipatória.

O conteúdo das entrevistas mostrou como a ONGEP fez renascer o desejo do aprender e, ainda, construiu uma nova relação do aprendente com a aprendizagem. Provou ser esta uma relação possível, principalmente para aqueles que acreditavam não ser capazes, como vemos no relato de um aluno sobre um momento de vida em que já não acreditava mais em si:

Confiante é a palavra certa. Confiante pra qualquer coisa que eu vou fazer, seja no estudo, seja na minha vida particular, seja no emprego, seja em qualquer área. O cursinho... ele me trouxe esse lado que eu não tinha, por isso que a ONGEP foi minha clínica de reabilitação, porque é verdade mesmo. Parece pesado, né? Mas não é. Porque eu tava vindo de um período que eu não acreditava muito em mim. É muito cristalina a confiança que tu sai depois desse lugar (Mauro, ex-aluno, informação verbal).

Ademais, pode tornar a relação com os estudos

amistosa, um momento também prazeroso, de descobertas, de autoconhecimento:

A ONGEP, inclusive, *desbloqueou matérias*, como matemática, que é uma que eu sempre tive aversão, e que eu comecei a gostar de alguns pontos de matemática por causa da ONGEP, até física, sabe? [...] era muito bom porque eu me sentia bem numa matéria que eu tenho muita dificuldade que é física. E isso é sensacional, a paz que ele [o professor de física] passava ensinando. O vínculo com os professores ajuda muito na aproximação [com a ONGEP] e *ajudou muito na aproximação com os estudos também* (Diogo, professor e ex-aluno, informação verbal, grifo nosso).

Os relatos dos alunos mostraram anos de negligência educacional por parte das escolas, do Estado, enfim, negligência social, que aflige a educação brasileira, da qual Paulo Freire já falava no livro *Educação como prática da liberdade* (1967) e na *Pedagogia do Oprimido* (1970). Da mesma forma, Alicia Fernández também sustenta a visão da escola como uma instituição capaz de provocar marcas contraproducentes à inteligência.

O problema de aprendizagem que apresenta, sofre, estrutura um sujeito, se situa, entrelaça, sintomatiza e surge na trama vincular de seu grupo familiar, sendo, às vezes, *mantido pela instituição educativa*. A criança pode não aprender, assumindo o medo de conhecer e de saber da família, *ou respondendo à marginalização socioeducativa* (FERNÁNDEZ, 1991, p. 48, grifo nosso).

O histórico de estudantes que compõem espaços populares, como é o caso da ONGEP, geralmente inclui situações de vulnerabilidade nas suas trajetórias pessoais. Com objetivo de uma educação emancipadora, é imprescindível construir um ambiente seguro para reflexionar sobre as narrativas dos estudantes e assim poder compreender as questões histórico-sociais existentes nas desigualdades sociais. Gadotti (2000, p. 7) preserva as palavras de Paulo Freire e afirma:

Seja qual for a perspectiva que a educação contemporânea tomar, *uma educação voltada para o futuro* será sempre uma educação contestadora, superadora dos limites impostos pelo Estado e pelo mercado, portanto, uma educação muito mais voltada para a *transformação social* do que para a *transmissão cultural* (grifo nosso).

Percebe-se, pois, que as narrativas pedagógicas de espaços que idealizam uma educação crítica, libertária, estão em constante evolução. Afinal, o pensar crítico deve buscar evoluir conforme as demandas sociais. Cazella e Molina (2010) compreendem que o psicopedagogo pode agir como um importante aliado na busca da aprendizagem crítica, assumindo-a como um direito universal. A Psicopedagogia Institucional tem potencial para trabalhar em confluências com as tendências transformadoras dos educadores populares. A Psicopedagogia nasceu do encontro de saberes de diversas áreas do conhecimento, uma ciência que lida com a objetividade das demandas sociais imediatas (ser aprovado, passar no vestibular, entre outros.), sem perder a capacidade de lidar com questões subjetivas de cada indivíduo. A prática psicopedagógica pode, por fim, auxiliar as instituições para que desenvolvam uma práxis reflexiva e realizem o devido acolhimento e inclusão dos chamados "fracassos escolares". Nesse sentido, pode ser decisiva para potencializar a educação como prática emancipatória.

3.2 Educação emancipatória: educar para a vida

As entrevistas com os estudantes ongepianos mostram que a Educação Popular pode significar mais do que aprender conteúdos e, no caso da ONGEP, mais do que ingressar no Ensino Superior. Todos os ex-alunos relataram que a ONGEP foi fundamental para despertar um senso mais crítico em relação ao mundo, a questões pessoais, a maneiras de agir na sociedade. Como, por exemplo, no seguinte relato:

Eu entrei na ONGEP como uma pessoa e saí outra, eu me formei na ONGEP, me formei como ser humano, entrei cheio de preconceitos enraizados, muito pensando numa caixinha. [...] Tu tem que questionar, tu tem que perguntar, tu tem que procurar entender e não só fazer sim com a cabeça. Isso me mudou muito, sabe. A ONGEP me ajudou a ser muito mais crítico e isso, com certeza, de todos os aprendizados que eu tive e tenho até hoje, é o maior de todos, ser crítico. Isso te dá uma visão do mundo diferente (Diogo, professor e ex-aluno, informação verbal).

Praticar Educação Popular implica na luta para uma educação que compreenda a importância de aprendizagens significativas para a vida, para o mundo, para a sociedade. No caso de uma instituição como a ONGEP, seu objetivo é possibilitar a seus alunos o acesso ao Ensino Superior; no entanto, o ideal – a partir das lentes da educação popular – é que a aprendizagem sirva para este objetivo, mas também, para acompanhá-los em suas trajetórias como indivíduos. A visão psicopedagógica trazida para essa análise pode operar como uma coconstrutora do ideal do sujeito oprimido como potencial transformador da realidade, à medida em que a Psicopedagogia “permite ao sujeito que não aprende fazer-se cargo da sua marginalização e aprender, a partir da mesma, transformando-se para integrar-se a sociedade, mas dentro da perspectiva da necessidade de transformá-la” (PAÍN, 2008, p. 12).

Manter espaços coletivos de construção e diálogo horizontais envolve esforço e seriedade, principalmente para que permaneça seguro a todas as vozes. Os relatos mostram que manter o espaço democrático é desafiador e nem sempre possível. Sem embargo, para emancipação do sujeito, as vozes precisam ser protegidas, como vemos no relato de uma professora.

[...] eu ainda não vi lugar tão democrático. Lugar onde a gente tenta fazer uma democracia, todos terem voz, fazer questão das pessoas falarem, né? Ou, no mínimo, dar oportunidade para que as pessoas façam isso. Às vezes elas não fazem, né? Ai é outra dimensão da democracia, mas assim, espaço tem, né? (Joana, professora, informação verbal).

A educação pode ser uma via alternativa para uma sociedade menos desigual; entretanto, como afirmam Fernández (1991) e Paín (2008), é também potencialmente perigosa. A potência que liberta pode, da mesma forma, enclausurar/atrapar⁵ a inteligência, alienar os sujeitos. Segundo Guedes e Leitão (2016), para que a construção de saberes seja contínua, é determinante que o professor se

mantenha crítico, receptivo, ou seja, mantenha a dialogicidade na prática docente, posto que “todos têm algo a dizer, e todos escutamos, perguntamos [...]” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 30).

Essa educação para a liberdade, que respeita os direitos humanos, é o que nossa sociedade, permeada de injustiças, requer. Entende-se que “essa educação é uma educação do agora e é uma educação do amanhã. É uma educação que tem de nos pôr, permanentemente, perguntando-nos, refazendo-nos, indagando-nos” (FREIRE, 2020a, p. 43). Será através de atitudes que reinventam nossa realidade, que repensam estruturas tidas como inalteráveis (organização social, Estado, divisão de classes), além de repensar conceitos mantenedores de lógicas opressoras, como é o caso do *poder*, que esse sonho se tornará possível.

Considerações finais

No decorrer deste trabalho, procurou-se evidenciar a possibilidade de diálogo entre a Educação Popular e a Psicopedagogia Institucional. As ponderações realizadas tiveram como base a noção de acolhimento e o conceito de vínculo proposto por Pichon-Rivière (2007). Argumentou-se que ambos são base fundamental para a facilitação da aprendizagem, além de serem indispensáveis para que o sujeito se sinta autônomo e consiga, portanto, realizar o resgate da aprendizagem, e que esta seja emancipadora. A discussão mostrou que as categorias elencadas se relacionam e, muitas vezes, ocorreram concomitantemente nas falas dos sujeitos estudados. Seguindo a perspectiva de Pichon-Rivière (2007), não existe apenas um tipo de vínculo, pois essas conexões são únicas para cada relação sujeito-sujeito e sujeito-objeto. Na instituição enfocada, a ONGEP, busca-se construir o vínculo, e a primeira etapa é acolher o indivíduo e sua subjetividade, como ilustra a metáfora elaborada por um ex-aluno ao falar sobre a relação entre a

⁵ Há no livro *A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família* (1991), de Alicia Fernández, uma nota da tradutora explicando que “após discussão com a autora, concluímos não haver, em português, nenhuma palavra com significado correspondente a “atrapada” em espanhol. Encontramos algumas palavras com sentido aproximado, tais como aprisionada, capturada, bloqueada, enclausurada, encapsulada” (1991, p. 6). A autora Alicia Fernández, discorre ao longo do texto sobre o uso da ideia de *atrapar* para discutir acerca da *inteligência atrapada*.

instituição e a ideia do vínculo:

Sim, principalmente dessa construção [...] parece que esse vínculo é como se tu for fazer um muro, tu vai botando um tijolo de cada vez, falta um pouquinho, olha pra ver se tá reto, coloca mais um pra ver se tá reto.... ah não ficou reto. Opa, então eu vou tirar isso, vou colocar ali, vou fazer de novo. Teve bastante disso, dessa construção, por mais que eu sentisse aquele acolhimento desde o início, teve uma construção, é incrível o caminho que tu faz, até chegar aquele fatídico novembro, outubro, que começa a dar os nervos do vestibular. É incrível a construção que tu vai passando, que tu vai fazendo até chegar nesse determinado lugar (Mauro, ex-aluno, informação verbal).

Pensar em vínculo através da convergência dos olhares teóricos da Psicopedagogia e da Educação Popular pode despertar inúmeros diálogos, pois ainda é um campo inexplorado, com potencial para reflexões fundamentais para a atualidade. Refletir sobre a prática psicopedagógica em espaços institucionais não formais é urgente, já que quase não há bibliografia que relaciona com a prática pedagógica da Educação Popular. Onde há aprendizagem circulando deve haver Psicopedagogia, seja em instituições formais ou informais, privadas ou públicas, espaços coletivos ou familiares.

A análise realizada mostrou que as categorias apontadas são assuntos compartilhados pelas duas áreas e, por meio dos relatos obtidos ao longo das entrevistas, a sua importância no processo de aprendizagem dos sujeitos foi evidenciada. Indivíduos com trajetórias e situações sociais distintas afirmaram que sentir-se importante para a instituição, para seus colegas e professores fez diferença para a construção do seu conhecimento. Dar autonomia para aprender, construir em coletivo a ideia de que o aprendiz é sujeito ativo do seu processo de aprendizagem, é também papel do educador.

Com os alunos, eu já vi experiências muito boas ali do vínculo fazer acontecer o lance da construção dos saberes mesmo. Porque o pessoal ficava amigo e ficava amigo dentro daquele objetivo ali de estudar. 2015 foi o ano que o pessoal passava a tarde ali, eles faziam as provas dos vestibulares juntos, eles escreviam poemas juntos! Escreviam poemas uns pros outros. Eu nunca vi isso na minha vida, sabe? Assim... um aluno era muito bom em inglês,

beleza, daí ele ia lá e pegava uma prova do vestibular de inglês e tentava fazer junto com os outros. Alguns não sabiam inglês, mas eles ficavam ali acompanhando. Isso já te dá uma segurança pra ti acessar aquele conhecimento, é um colega teu, é um igual. Não é um professor que vai te perguntar alguma coisa que tu não vai conseguir responder e aquilo vai te travar, né? (Joana, professora, informação verbal).

A Psicopedagogia ainda não se constitui em uma possibilidade acessível para todos, infelizmente. Os possíveis benefícios do trabalho psicopedagógico permanecem um privilégio de poucos, já que quase não atingem as minorias de direito, apesar de estas serem as que mais sofrem com a defasagem educacional, o que pode ser evidenciado pelo processo seletivo para o vestibular, pois, mesmo com a política de cotas, permanece desigual. A qualidade do ensino das instituições públicas mostra a negligência do Estado para com a parcela populacional que não tem condições financeiras de proporcionar escolas particulares, cursos de língua ou acesso à arte a seus filhos. Engendra-se, assim, um contexto de enorme exclusão socioeducacional. Posto isto, a educação não formal, que busca oferecer educação de qualidade aos indivíduos invisibilizados, acaba se tornando uma alternativa importante na luta pela inclusão e pela transformação social. A Psicopedagogia, como uma importante área do conhecimento, pode – e deve – contribuir na construção de espaços populares que tenham como objetivo a democratização da educação. Como afirmam Conzatti e Davoglio (2018, p. 213):

Assim, (trans)formações e desenvolvimento somente serão viabilizados, em sua plenitude, se uma rede de apoio estável e duradoura estiver presente durante as trajetórias educativas, sejam elas formais, não formais ou informais, mediadas por pessoas e sistemas significativamente abertos e dispostos a participar, cooperativamente, nesse processo.

Por fim, esta pesquisa procurou contribuir, por meio da reflexão gerada acerca de seus temas centrais, para chamar a atenção para a dialogicidade existente entre Educação Popular e Psicopedagogia, e para a sua dimensão inclusiva. Não se trata de negar especificidades e singularidades. Cada área tem a sua história

e carrega as marcas do tempo e do contexto social em que surgiu. Cada uma conta com uma plêiade de alicerces teóricos e técnicos que lhe é própria e confere-lhe uma identidade. Não se busca aplinar diferenças, mas evidenciar pontos de convergência, apostando no debate como via de aprofundamento e enriquecimento mútuo. Como são áreas ricas para debates necessários e urgentes para o mundo atual, ambas têm potencial transformador, capaz de construir novos caminhos para uma educação crítica, inclusiva e de qualidade para todos.

Referências

- ABDUCH, C. Grupos Operativos com Adolescentes. In: BASTOS, A. B. B. I. A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. **Psicólogo Informação**, São Paulo, v. 14, n. 14, p. 160-169, out. 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-88092010000100010&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2021.
- ABPP - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOPEDAGOGIA. **Código de ética do Psicopedagogo**. São Paulo: ABPP, 2019. Disponível em: https://www.abpp.com.br/wp-content/uploads/2020/11/codigo_de_etica.pdf. Acesso em: 24 set. 2021.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CAZELLA, S.; MOLINA, R. A intervenção psicopedagógica institucional na formação reflexiva de educadores sociais. **Revista Psicopedagogia**, São Paulo, v. 27, n. 82, 78-91, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862010000100009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 27 set. 2021.
- CONZATTI, F. B. K.; DAVOGLIO, T. R. **Trajetórias de adultos na EJA**: processo educativo e mudanças biológicas. Curitiba: Appris, 2018.
- DOLTO, F. A sociedade (a escola). Seu papel patogênico ou profilático. In: MANNONI, Maud. **A primeira entrevista em psicanálise**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004. p. 7-33.
- EVERS, A. **A redação engaiolada**: padrões lexicais e ensino de redação em cursos pré-vestibulares populares. 2018. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.
- FERNÁNDEZ, A. **A Inteligência aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- FREIRE, P. Direitos humanos e educação libertadora. In: FREIRE, A. M. A.; MENDONÇA, E. F. (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis: Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020a. p. 33-34.
- FREIRE, P. Discurso de posse como secretário municipal de Educação de São Paulo. In: FREIRE, A. M. A.; MENDONÇA, E. F. (org.). **Pedagogia dos sonhos possíveis: Paulo Freire**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020b. p. 47-76.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez, 2011.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade**. São Paulo: Cortez Editora, 1991.
- FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- GADOTTI, M. Educação Popular e Educação ao Longo da Vida. In: NACIF, P. G. S.; GOMES, L. M.; ROCHA, R. G. (org.). **Coletânea de textos CONFITEA Brasil+6**: tema central e oficinas temáticas. Brasília: MEC - Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão, 2016. p. 50-69. Disponível em: https://www.paulofreire.org/images/pdfs/Educacao_Popular_e_ELV_Gadotti.pdf. Acesso em: 24 set. 2021.
- GADOTTI, M. Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum. **Revista Diálogos**: pesquisa em extensão universitária. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: domínio epistemológico, Brasília, v. 18, n. 1, dez. 2012. p. 10-32. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rdl/article/view/3909/2386>. Acesso em: 24 set. 2021.
- GADOTTI, M. Perspectivas atuais da educação. **São Paulo em perspectiva**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 3-11, 2000.
- GUEDES, M. G. M.; LEITÃO, E. S. S. A contribuição da proposta educacional de Paulo Freire para a prática pedagógica docente na educação infantil e na educação de jovens e adultos. **Revista e-Curriculum**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 35-55, jan./mar. 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/26348/19378>. Acesso em: 27 set. 2021.
- GUILHERME, A. A.; CHERON, C. Complexidade como uma proposta de desafio para pensar a Educação "fora da caixa". **Educação Por Escrito**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. e36688, 22 abr. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/36688>. Acesso em: 27 mar. 2022.
- MAIA, D. S. Habilidades socioemocionais e formação de professores: possibilidades para a Educação Inclusiva. In: ZIESMANN, C. I.; BATISTA, J.; DANTAS, N. M. R. (org.) **Educação Inclusiva e formação docente**: olhares e perspectivas que se entrelaçam. Campinas: Pontes Editores, 2020. p. 39-53.
- PAÍN, S. **Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

PEREIRA, T. I. **Pré-vestibulares populares em Porto Alegre**: na fronteira entre o público e privado. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/10863>. Acesso em: 27 set. 2021.

PIAGET, J. **A equilibrção das estruturas cognitivas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PICHON-RIVIÈRE, E. **Teoria do vínculo**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PINI, F. R. O. Educação popular e os seus diferentes espaços: educação social de rua, prisional, campo. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL, 4., 2012, São Paulo. **Anais online** [...]. São Paulo: Associação Brasileira de Educadores Sociais, 2012. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC000000092012000100032&lng=en&nrm=abn. Acesso em: 28 set. 2021.

PORTO, O. **Psicopedagogia institucional**: teoria, prática e assessoramento psicopedagógico. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2006.

WEISS, M. L. **A intervenção psicopedagógica nas dificuldades de aprendizagem escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2015.

Denise da Silva Maia

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS. Psicóloga escolar e educacional. Professora convidada do curso de Especialização em Psicopedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Victoria Cittolin Richetti

Especialista em Psicopedagogia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), em Porto Alegre, RS, Brasil; graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), em Porto Alegre, RS, Brasil. Professora de Língua Portuguesa no Sistema Estadual de Ensino do Rio Grande do Sul da Secretaria da Educação (SEDUC-RS) e na Organização Não Governamental para a Educação Popular (ONGEP), em Porto Alegre, RS, Brasil.

Endereços para correspondência

Denise da Silva Maia

Rua Estácio de Sá, 890508

Chácara das Pedras, 91330-430

Porto Alegre, RS, Brasil

Victoria Cittolin Richetti

Rua Santana, 192/31

Farroupilha, 90040-370

Porto Alegre, RS, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.